

DINÂMICA DA PRODUÇÃO DESIGUAL DO ESPAÇO NO MUNICÍPIO DE BARUERI: DO CENTRO ÀS NOVAS ÁREAS DE CENTRALIDADE

DYNAMICS OF THE UNEQUAL PRODUCTION OF SPACE IN THE MUNICIPALITY OF BARUERI: FROM THE CENTER TO THE NEW AREAS OF CENTRALITY

Karla Santos Moreira¹
Renata Adriana Garbossa²

Resumo

O presente artigo busca apresentar, por meio de um levantamento histórico e bibliográfico, de maneira exploratória, o desenvolvimento de diferentes localidades do município de Barueri, tendo como foco a desenvolvimento de suas áreas de centralidades. As localidades em questão se tratam, principalmente, de Alphaville, um bairro planejado, voltado para uma classe média e média alta, construído nos anos 1970 com pretensões de ser um bairro satélite de São Paulo, e o centro do município, construído organicamente ao longo do tempo, junto ao desenvolvimento da cidade. A pesquisa visa perpassar tanto pela discussão de conceitos — como centro e centralidade e a dinâmica dessas modalidades de espaço na cidade — como por elementos históricos que contribuíram para a formação de tais espaços, seu progresso e expansão, revelando como se desenvolveram de forma integrada e diferenciada — integrada ao movimento de metropolização e das influências urbanísticas norte-americanas e, ao mesmo tempo, desigual em suas relações intraurbanas, em um movimento de negação da cidade.

Palavras-chave: produção do espaço; centro; centralidade; Barueri; segregação socioespacial.

Abstract

This article seeks to present, through an exploratory historical and bibliographical research, the development of different localities in the municipality of Barueri, focusing on the evolution of their centralized areas. The places in question are mainly Alphaville, a planned neighborhood aimed at the middle and upper middle classes, built in the 1970s with the pretense of being a satellite neighborhood of São Paulo, and the center of the municipality, built organically over time along with the development of the city. The research aims to discuss concepts — such as center and centrality and the dynamics of these types of spaces in the city — as well as historical elements that contributed to the formation of these spaces, their progress and expansion, showing how they developed in an integrated and differentiated way — integrated with the metropolitanization movement and North American urban influences, and, at the same time, unequal in their intra-urban relations, in a movement of negation of the city.

Keywords: production of space; center; centrality; Barueri; socio-spatial segregation.

1 Considerações iniciais

O presente artigo trata da organização e apresentação de dados bibliográficos selecionados para a formulação do trabalho de conclusão de curso da formação pedagógica em geografia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), bem como para a idealização do projeto de pesquisa para o mestrado em geografia humana para o Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, com recorte semelhante. Por esse motivo, o artigo traz a apresentação de dados iniciais sob a hipótese de que o bairro Alphaville, enquanto uma nova área de centralidade, influencia na dinâmica urbana do restante

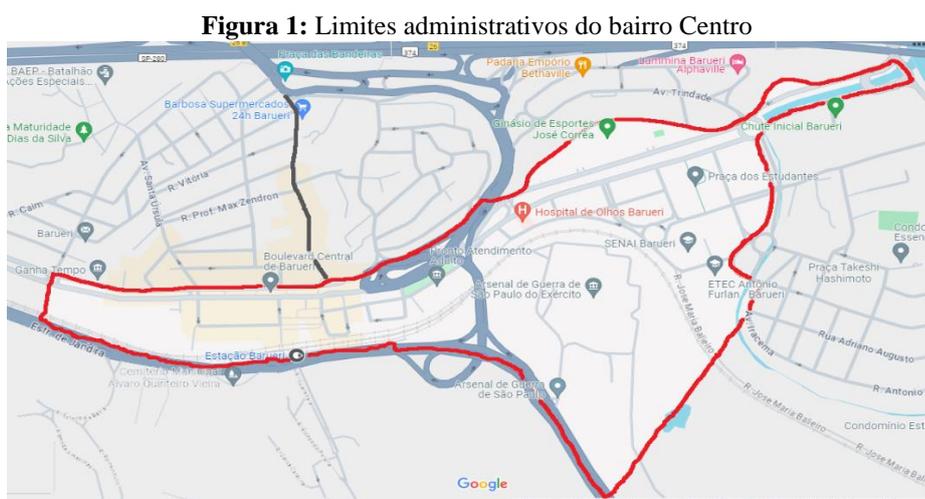
¹ Acadêmica no Curso de Geografia do Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: andre.fr@uninter.com

² Professora da Área de Geociências do Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: renata.g@uninter.com

do município por sua concentração de infraestrutura e serviços e, para demonstrar o impacto e a materialização de tais influências, a região tida como o bairro central do município, o distrito-sede³, foi selecionada como recorte e objeto do estudo.

O município de Barueri, localizado na sub região noroeste da Grande São Paulo, ou Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), tem recebido, recentemente, destaque junto a outros municípios — outrora considerados periféricos, como Osasco e Santana de Parnaíba — por seu desenvolvimento econômico e crescimento urbano emergente. O município é reconhecido pela oferta de serviços em saúde e educação que se diferenciam quando comparados aos de outras cidades da região, o que corrobora com uma intensa atuação do mercado imobiliário, com a venda de grandes loteamentos destinados para a instalação de empresas, indústrias, galpões logísticos e condomínios residenciais.

O distrito-sede, ou centro tradicional do município, objeto de análise deste artigo, é compreendido, a partir das limitações administrativas, do encontro entre a avenida Sansão e a avenida Henriqueta Mendes Guerra, a oeste do boulevard Arnaldo Rodrigues Bittencourt, ao fim da rua Anguera, seguindo a leste até o final da avenida Arnaldo Rodrigues Bittencourt, estando limitado pelos bairros Vila São João a noroeste, Bethaville I e Aldeia, a leste, Jardim Iracema, a sudeste, e a Vila Militar. Apesar de não estar englobada no recorte do bairro central, é compreendida no recorte espacial a rua Campo Sales, em destaque na Figura 1 (com traçado cinza-escuro), por sua relevância comercial e por nela estarem localizadas as principais agências de banco, além de outros comércios de bens duráveis (roupas, calçados, móveis etc.).



Fonte: Google Maps, 2024. Editado pela autora.

³ Termo empregado por Cavalcante (1978) para se referir à região onde, em geral, se localiza o centro urbano da cidade.

Barueri ganhou certa relevância na região metropolitana (bem como sua participação na divisão territorial do trabalho) por conta de um de seus bairros, um bairro planejado, projetado como bairro satélite de São Paulo, constituído por centros comerciais e condomínios fechados que, por certo tempo, concentrou os serviços e infraestrutura da cidade, caracterizando-se como uma área de centralidade⁴. O território de Alphaville Barueri é dividido em 13 residenciais e um subdistrito empresarial, onde se concentram esses elementos.

As duas áreas em questão fazem conexão pelas vias Rua da Prata e Alameda Tocantins e através da ponte Akira Hashimoto, inaugurada somente em outubro de 2013⁵, tendo como obstáculo a passagem do rio Tietê, que também serve de barreira entre Alphaville e o restante do município.

Com isso, o objetivo de nossa pesquisa é observar e investigar o desenvolvimento diferenciado das diferentes formas de se produzir o espaço apontadas, localizadas na cidade de Barueri e a possível relação entre essas, buscando entender qual a relação entre a concentração de serviços e de infraestrutura no espaço de Alphaville e o desenvolvimento diferenciado do restante da cidade.

Para isso, foi utilizada a pesquisa bibliográfica e foram investigadas produções textuais anteriores, livros, artigos e teses que trouxessem em seu conteúdo elementos históricos, sociais, políticos, econômicos, urbanísticos e geográficos sobre nosso objeto de estudo. Tais produções textuais foram devidamente fichadas, colocando em evidência informações importantes para a construção de nosso corpus teórico, assumindo também um caráter exploratório, o que significa que seu objetivo é trazer uma maior familiaridade com o problema proposto, a fim de fomentar possíveis hipóteses (Fantinato, 2015).

Apesar de sucintas, as leituras feitas e os dados diagnosticados e apresentados durante o artigo, o foram sob a perspectiva do filósofo Henri Lefebvre (2002), que entende o espaço como algo que é socialmente produzido (daí a ideia e o conceito de produção do espaço) e o urbano como um fenômeno recente, que se origina no processo de industrialização global, e que, por tanto, está cativo do modo de produção capitalista e suas contradições. No entanto, não só, o urbano também se define como “horizonte, como virtualidade iluminadora. O urbano é o possível definido por uma direção [...]” (Lefebvre, 2002, p. 28)

⁴ Entende-se como área de centralidade, áreas que concentram uma variedade de serviços que podem ser comerciais, bancários, de saúde e outras funcionalidades voltadas para sanar problemas cotidianos. Essas áreas possuem atratividade de fluxo de pessoas devido à oferta dos serviços, contudo, não se desenvolvem ou são criadas associadas ao centro tradicional necessariamente.

⁵ Ver: RAIA, I. Ponte Akira Hashimoto é inaugurada. In: **Folha de Alphaville**, 4 out. 2013. Cidades. Disponível em: https://isabelraia.files.wordpress.com/2014/06/alp_b_02_0410.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

Dentro disso, podemos citar também o método dialético que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 34), é um método de pesquisa empregado na pesquisa qualitativa e que se refere a um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade. Isso significa que os fatos trabalhados, conforme essa abordagem, não podem ser trazidos soltos de seu contexto social, histórico, político ou econômico. O método dialético pressupõe também a constante transformação dos objetos, sujeitos e ambientes, estando inerentes em cada um deles possíveis contradições.

Dessa forma, o artigo busca apresentar as informações adquiridas com esse levantamento dentro dos recortes espaciais e temáticos apresentados, a fim de explorar brevemente objeto de pesquisa em questão, que poderá e será investigado com maior profundidade em um segundo momento, em uma pesquisa mais elaborada.

2 Fundação e expansão de Barueri

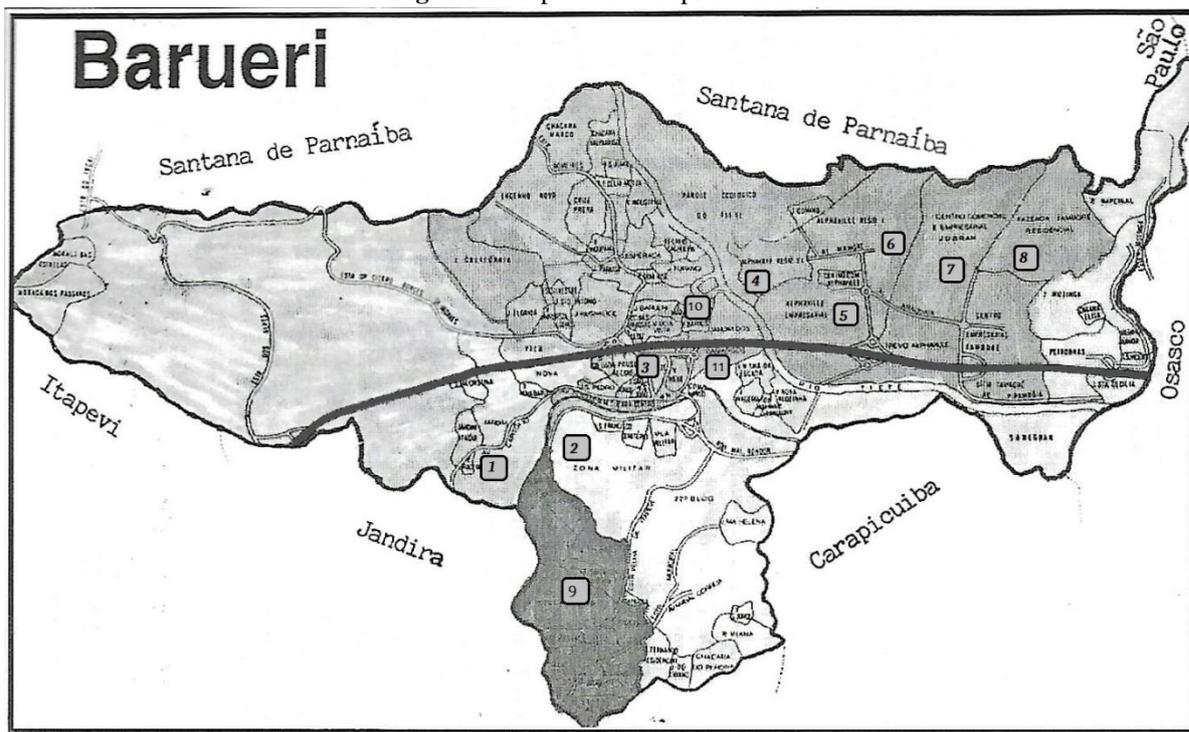
O levantamento histórico retratado neste capítulo teve como base, principalmente, a obra do professor e historiador barueriense Elias Silva (1997) e da dissertação de mestrado de Cavalcante (1978)⁶, além de outros artigos menores, mas de igual importância. Com esse levantamento, foi possível verificar que o município de Barueri se originou da desenvolvimento de um aldeamento indígena localizado em uma das fazendas doadas para os jesuítas por volta de 1560, já denominada Barueri, localizada a meia légua da Serra do Itaqui⁷, que compõe o perfil geomorfológico da região, a cinco léguas⁸ ao sul da Vila de São Paulo. As terras doadas por Jeronymo Leitão compreendiam a fazenda Barueri e se estendiam até as terras onde estavam estabelecidos os Fernandes, propriedade que viria a se tornar Santana de Parnaíba (Silva, 1997).

⁶ Dissertação pertencente ao projeto de pesquisa do professor de geografia Pasquale Petrone, cujo interesse era voltado a analisar o desenvolvimento de municípios da franja metropolitana de São Paulo.

⁷ A Serra do Itaqui compreende um conjunto de resquícios de Mata Atlântica que se espalham pelos municípios de Barueri, Itapevi e Santana de Parnaíba. O complexo natural também se encaixa na categorização morfoclimática dos Mares de Morros, proposta por Ab'Saber (1957), e que se caracteriza pela predominância de relevos de colina que se estendem pelo Planalto Atlântico.

⁸ Os valores mencionados correspondem respectivamente a aproximadamente 2,4 e 24,1 quilômetros.

Figura 2: Mapa do município de Barueri



Legenda

1 - Jardim belval	7 - Centro Comercial e Empresarial Jubran	— - Rodovia Castelo Branco
2 - Zona Militar	8 - Fazenda Tamboré Residencial	
3 - Centro tradicional	9 - Jardim Silveira	
4 - Alphaville Residencial II	10 - Vila Porto	
5 - Alphaville Industrial	11 - Jardim dos Camargos	
6 - Alphaville Residencial I		

Fonte: Silva (1997). (Adaptado pelo autor).

Até o século XVIII, os principais acontecimentos do aldeamento foram marcados por diversos conflitos por terra entre bandeirantes e jesuítas, envolvendo a participação dos poderes públicos da época. Entre o século XVIII e o XIX, as terras perderam o predicado de aldeia, sendo reconhecidas como povoado e transferidas para a administração da Vila de Parnaíba. Os indígenas que ali viviam se espalharam nas proximidades na condição de pequenos lavradores (Silva, 1997, p. 52).

Durante o século XIX foram abertas três vias de comunicação/transporte que ligavam São Paulo a Itu, Jundiaí e Sorocaba. As vias passavam por Barueri, mas eram distantes da Vila de Parnaíba. Essas possibilitaram que surgissem em seu entorno alguns núcleos populacionais nos locais por onde passavam, transferindo também o dinamismo produtivo e comercial para essa parte do território.

Podemos encontrar na obra de Silva (1997) o seguinte relato:

O viajante Auguste de Saint Hilaire⁹ em suas crônicas de viagens afirmava que o povoado de Barueri era procurado pelos tropeiros porque a cidade de São Paulo não comportava as atividades correlatas com o transporte de animais e porque para os tropeiros era mais conveniente pernoitar nos arredores de São Paulo, e Barueri era escolhido por conter locais onde era mais fácil controlar o gado, mulas e cavalos. O mesmo Saint Hilaire registra grandes cultivos na fazenda Itaqui em 1870 (Silva, 1997, p. 54).

Dessa forma, houve grande valorização da produção agrícola do povoado de Barueri em consequência dos tropeiros. Na mesma época (1870), iniciava a construção da Estrada de Ferro Sorocabana que cortava o estado de São Paulo, o que começou a enfraquecer o antigo sistema de transporte por tropeiros e, enfim, consolidar a ocupação daquele povoado. Silva conta que:

As atividades comerciais e as hospedagens que inicialmente eram molas propulsoras do crescimento do povoado junto aos tropeiros, foram mantidas e ampliadas quando o local passou a ser um ponto de fixação dos trabalhadores da ferrovia e que ocupariam economicamente a importância que os tropeiros detiam inicialmente (Silva, 1997, p. 55).

A posterior construção de uma estação ferroviária no povoado¹⁰, elevou sua condição para “povoado estação”, fazendo com que ocupasse agora uma posição estratégica em relação aos povoados e vilas vizinhas, tornando-se um centro distribuidor de cargas e de passagem dos usuários do trem, gerando um crescimento econômico e demográfico.

[...] as estações ferroviárias que foram sendo estabelecidas nos arredores paulistanos constituíram assim, em ponto de convergência de produtos e pessoas nas áreas circunvizinhas. Isto conferia ao local das estações a oportunidade de assumir uma modesta função região. Pequenas, às vezes quase insignificantes, povoados surgiram em torno da estação, com vendas e botequins destinados a servir os caipiras dos arredores, que agora para aí convergiam em busca da estação (Langenbuch, 1971, p. 104).

Com esse crescimento, Barueri era agora reconhecido enquanto subúrbio-estação, atraindo indústrias que passaram a se fixar nas proximidades da ferrovia. Nesse momento, os territórios próximos às linhas ferroviárias se tornaram alvo de importantes investimentos imobiliários. Conforme relata Silva (1997), loteamentos adquiridos por custos baixos se valorizaram rapidamente com a formação de diversos outros loteamentos espalhados pelo distrito.

O vasto cinturão de loteamentos nas áreas circunvizinhas a São Paulo faziam de Barueri e Carapicuíba, locais de grande procura por operários, comerciantes e

⁹ Botânico francês, viajou por diversos estados do país no período colonial, escrevendo sobre o que encontrava nos locais pelos quais passava.

¹⁰ Construída onde hoje identificamos o centro tradicional.

comerciantes que encontravam nestas maiores facilidades de transportes e preços razoáveis para compra ou aluguel de imóveis (Silva, 1997, p. 66).

Na década de 1930, já se iniciava a formação da malha viária de linhas de ônibus coletivos interurbanos, que passavam pelas regiões suburbanas já povoadas. Essa nova modalidade de transporte permitiu que novas condições de ocupação territorial fossem criadas, favorecendo ações imobiliárias (Silva, 1997).

A instalação da nova modalidade de transporte favoreceu a consolidação do processo de metropolização da região, fazendo com que a população se dispersasse para locais mais distantes dos distritos, e colocando agora Barueri na condição de distrito dormitório, devido ao movimento pendular dos trabalhadores que saíam para as indústrias e retornavam para suas residências todos os dias.

Após a emancipação, em 1948, aumentou o número de loteamentos que se estendiam pelos distritos do Jardim Belval e Jardim Silveira¹¹, porém, de acordo com Silva (1997), esses loteamentos não apresentavam condições favoráveis para a instalação de mais indústrias, mantendo o município na condição de cidade dormitório, dependente de São Paulo. Economicamente, “manteve-se em ascensão baseada no setor de comércio e serviços tanto que em 1955, registraram no município 75 estabelecimentos varejistas e duas agências bancárias, uma da Caixa Econômica Estadual e outra do Banco Federal Sulamericano (atual Itaú)” (Silva, 1997, p. 92).

Sua localização, próxima à linha da Estrada de Ferro Sorocabana, e a existência de uma estação no município, também facilitavam a chegada de migrantes dos mais diversos estados do país. A busca por loteamentos baratos e próximos às malhas das diferentes modalidades de transporte levou o município a uma escassez de terrenos, o que levou à ocupação, a partir dos anos 1950, das partes mais elevadas da cidade (criação dos bairros Vila Porto, Jardim dos Camargos).

Outro marco importante na história de Barueri foi o início da construção da rodovia do Oeste (atual Castelo Branco) em 1963, que gerou muitos empregos que até então se voltavam para o comércio e o setor agrícola (no distrito de Carapicuíba, que teve sua emancipação um ano depois, em 1964). “O avançado trabalho de construção da rodovia Castelo Branco, em meados de 1968, estimulava o crescimento populacional das regiões que a margeavam. O mesmo se registrava em Barueri” (Silva, 1997, p. 110).

¹¹ Bairros do município destacados no mapa da Figura 2 com as numerações 1 e 9.

A construção da nova rodovia valorizou áreas em suas proximidades, levando a ocupação territorial para áreas mais afastadas dos núcleos residenciais existentes até aquele momento. Com o fim de tirar proveito da nova rodovia, o prefeito do município, Guilherme Guglielmo, decretou isenção fiscal de 10 anos para as indústrias que se instalassem em Barueri, porém foram poucas as indústrias que aceitaram o acordo até meados dos anos 1970.

Essa situação mudaria em 1973, quando foi aprovada a lei de zoneamento que criou as condições para a proposição do projeto de construção de Alphaville, em 1974, quando a construtora Albuquerque e Takaoka adquiriu o direito de uso de partes das terras da família Penteadó.

O projeto aprovado pelo prefeito tratava-se de um parque industrial e empresarial, junto a um centro comercial e outro residencial, feito para ser um bairro satélite de São Paulo, que se transformaria a médio prazo em um refúgio dos paulistanos mais abastados financeiramente. Em contrapartida, segundo Silva (1997), a população barueriense possuía um total de 37.803 habitantes em 1970, chegando a 56.920 em 1975, constituída principalmente de imigrantes vindos do nordeste brasileiro, que se instalavam nas regiões mais periféricas do município.

Barueri se dividia agora em dois padrões de produção espacial. Por um lado, o adensamento populacional influenciado pela malha de transportes, por sua condição de cidade dormitório, pelos fluxos de emigração do nordeste e pela recente industrialização em Alphaville, o que fez com que o processo de favelização se expandisse, com ocupação de terrenos em áreas livres, às margens de vias públicas e em terrenos desocupados por condições topográficas inapropriadas para a habitação, o que fomentou uma superpopulação, tendo como consequências problemas estruturais, como o saneamento básico. De outro lado, eram construídos condomínios horizontais e verticais fechados, voltados para uma classe alta e classe média alta, dotados de boa infraestrutura (Silva, 1997, p. 144-145).

3 O empreendimento Alphaville ea metropolização da Grande São Paulo

Da mesma maneira que foi produzida uma breve investigação sobre o desenvolvimento do Município de Barueri, até o seu momento de efetiva urbanização e constituição enquanto cidade, também buscou-se verificar brevemente alguns dos materiais bibliográficos já produzidos sobre o empreendimento Alphaville-Barueri, em que foi possível identificar questões que se relacionam com a problemática do desenvolvimento desigual dos espaços no município, sendo elas:

- a. A concentração de empresas, indústrias, bancos, supermercados, hospitais, escolas e demais serviços no bairro Alphaville e seus possíveis impactos na região;
- b. O posicionamento de Barueri como município integrante da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), que foi instituída legalmente em 1973 (Roggero, 2015, p. 111).

O processo de urbanização e de expansão do município de Barueri, como foi visto no capítulo anterior, esteve relacionado principalmente à presença da estrada de Itu, da estação da EF Sorocabana e da construção da rodovia do Oeste, em conjunto com a atuação do mercado imobiliário que se apropriou desses elementos como estratégia para especulação. Contudo, a partir da década de 1970, inclui-se nesse processo a instalação do núcleo Alphaville/Tamboré, e a tendência da proliferação de núcleos residenciais fechados na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

Muitas das transformações socioespaciais que se deram no desenvolvimento do município, foram possíveis graças à arrecadação de impostos e à acumulação de capital advindas dos investimentos desse tipo de produto imobiliário que, segundo Guerra (2013, p. 19), criou uma centralidade, um “aglomerado de urbanização¹²”. Esse aglomerado está ligado ao setor sudoeste de São Paulo (setor que acumula a riqueza da região, sendo novo polo de expansão da cidade), que se destaca em meio às “cidades dormitórios”, que não possuem a mesma infraestrutura urbana desses núcleos.

Sua área *core*¹³ englobava a região onde se encontram:

o Alphaville Industrial e Empresarial, o Centro Empresarial Tamboré e o Centro Comercial e Empresarial Jubran. Nele, destacam-se o Shopping Iguatemi Alphaville, o Shopping Tamboré, o Centro Comercial Alphaville, o Alphashopping e o Shopping Flamingo (Leopoldo, 2017, p. 329).

O *core* ainda persiste pela “passagem pela Avenida Alphaville entre os muros do Alphaville 1 e 2, onde chega-se ao Alphaville 18 do Forte Empresarial com vários edifícios comerciais, sendo que ao lado está o Shopping Alpha Square Mall” (Leopoldo, 2017, p. 329). Além disso, conforme ilustra Guerra (2013, p. 81), o Alphaville-Barueri contava (até a data de publicação da dissertação mencionada), com o funcionamento de 24 agências bancárias, 17 escolas, 5 universidades, 20 templos, 4 shopping centers, 7 supermercados, 2 unidades de atendimento médico particular, 23 edifícios comerciais e 46 edifícios residenciais.

¹² A autora identifica aglomerado de urbanização como uma densa mancha urbana, onde há concentração de elementos que se destacam em uma região.

¹³ Área de concentração de serviços e empreendimentos.

Sua construção, segundo a autora (Guerra, 2013, p. 28), se iniciou em 1973, conforme a Concessão do Direito de Uso, requerida pela Sociedade Alphaville Tamboré (S.A), aprovada pelas prefeituras de Barueri e Santana de Parnaíba.

Sobre sua idealização, dentro do relato de Pescatori (2017, p. 9), foi encontrada a menção ao Relatório Técnico do Plano Urbanístico Básico de São Paulo (Prefeitura do Município de São Paulo, 1969), relatório elaborado com a participação de consultores norte-americanos, que apontaram uma escassez de subúrbios ricos em torno de São Paulo. Conforme o relatório, foi prevista uma tendência à preferência de localização residencial das classes mais ricas fora das áreas centrais das cidades, incentivadas pelo baixo custo dos transportes individuais e pela construção de rodovias que permitiam que se deslocassem para a metrópole sem maiores dificuldades.

Em conformidade com os dados apresentados no relatório citado, tanto no estudo de Guerra (2013) quanto em alguns apontamentos de Alves (2018), verificou-se que novas áreas de centralidade como Av. Paulista e Faria Lima, seguiram um padrão de suburbanização norte-americana, referenciando padrões urbanísticos estadunidenses de verticalização dos espaços. Guerra (2013) reforça os moldes urbanísticos estadunidenses nos projetos de construção de Alphaville Barueri, surgido na mesma época das centralidades supracitadas.

Inicialmente, o projeto se tratava da construção de um bairro satélite, em que a habitação seria o uso principal, contando com diversos serviços para atender às necessidades dos residentes (hospitais, comércios, escolas e lazer). Porém, o prefeito Guglielmo, já citado nesta pesquisa, negou a proposta, pois essa fomentaria a condição de cidade dormitório já existente. Sua pretensão era atrair empresas e indústrias para o município, para que a dependência que existia de São Paulo fosse diminuída.

O projeto foi mudado para o atual parque empresarial e industrial, que se tornou possível devido à localização estratégica de Barueri próxima à rodovia Castelo Branco, sua proximidade ao mercado consumidor de São Paulo e demais regiões, a disponibilidade de grandes loteamentos baratos e as políticas de isenção fiscal (Pescatori, 2017, p. 19).

É interessante ainda observar que Leopoldo (2017, p. 325), identifica Alphaville Barueri enquanto uma centralidade metropolitana, pois foi projetada muito mais para atender as necessidades comerciais e industriais da metrópole São Paulo do que para integrar o município que está sob a administração. De acordo com o autor, o bairro apresentava um total de 40 mil habitantes em 2004, tendo quase duplicado em 10 anos, chegando a 70 mil em 2014. No mesmo espaço de tempo houve um aumento de sua população flutuante, de 150 mil em 2004 para 200

mil em 2014, que se aproxima do total da população do município que marcava 279.704 habitantes em 2021, segundo o IBGE.

Para entender essa dinâmica, com apoio da pesquisa de Araújo (2001), entende-se o processo de metropolização de São Paulo¹⁴ enquanto produto do contínuo crescimento dos municípios da região, junto à sua dependência da metrópole, que ainda é fonte de emprego, de aparelhos de lazer e saúde, tal como foi exposto na breve passagem pela história de Barueri. No entanto, não se pode compreender tal processo somente como integração das malhas viárias em que se realizam as trocas de fluxos de pessoas e produtos, mas também como desenvolvimento histórico das atividades econômicas, o que desencadeou, a partir dos anos 1990, o fenômeno de reestruturação produtiva da região.

Segundo Araújo (2001, p. 21), o emprego industrial nos anos 1970 e 1980 era a realidade da renda urbana, mas na mesma época, com o período de crise econômica, observou-se certa estagnação do setor, o que abriu margens para o desenvolvimento e aparecimento de outras atividades econômicas.

Nesse momento, passa-se a se intensificar o processo que Carlos (2009) irá apontar como “desindustrialização da metrópole” e que Araújo (2001, p. 21) identifica como descentralização das atividades industriais e intensificação da divisão socioespacial do trabalho¹⁵. A metrópole passa a comportar as empresas globais do setor financeiro e bancário, enquanto as sedes das indústrias buscam por terrenos mais baratos e políticas mais favoráveis para sua instalação, encontrando essas condições nas franjas da metrópole, nas cidades periféricas da região.

Ainda que Araújo (2001, p. 21) elucide em seu trabalho que a RMSP não tenha passado por uma desindustrialização, mas por uma reestruturação industrial, a autora ainda aponta uma redução de empregos na indústria, em função de predominância do então setor terciário na região. Segundo a autora, a RMSP se tornou uma metrópole de serviços produtivos e financeiros, sem perder sua dimensão industrial, mas as transformações da estrutura produtiva provocaram a redução de pessoal ocupado, e da passagem dos empregos industriais para ocupação de cargos de baixa qualificação do setor terciário: “[...] as transformações no mercado

¹⁴ A RMSP é herdeira, de acordo com Araújo (2001, p. 21), do processo de industrialização do Brasil, que se concentrou na região paulistana, assumindo a função de polo central da economia nacional, ou que o Milton Santos chamou de meio técnico-científico-informacional (Santos, 1996).

¹⁵ Refere-se a como são organizadas as funções sociais no espaço. Pressupõe-se que os trabalhadores braçais e de cargos operacionais habitam as regiões periféricas das cidades e das regiões metropolitanas, ao que, inversamente, nas áreas centrais habitam trabalhadores com cargos superiores. Também se refere, na escala da região metropolitana, à nova concentração das indústrias nas cidades dormitório, enquanto as metrópoles recebem a instalação de sedes de bancos e de outras empresas.

de trabalho da RMSP acirraram as já históricas dificuldades de inclusão dos trabalhadores na estrutura ocupacional, com graves consequências sociais” (Araújo, 2001, p. 25).

Em conformidade com Araújo (2001), tendo em vista o Alphaville como produto da metropolização da região, Leopoldo ainda segue explicando que:

[...] é no drama das contradições, conflitos e tendências da Região Metropolitana de São Paulo e no esgotamento relativo da incorporação imobiliária, que é forjado o Alphaville Industrial e Empresarial. Isto porque o que vai ser traduzido como um plano urbanístico para a produção do Alphaville Industrial e Empresarial só se torna possível graças à projeção do aprofundamento do processo de metropolização de São Paulo, cada vez mais como negócio, envolvendo uma “acumulação primitiva do espaço”, a remoção de pequenos agricultores, a ideologia da qualidade de vida e da segurança no subúrbio (Leopoldo, 2017, p. 331-332).

Nessa virada estrutural, se ampliaram as ocupações no setor de serviços, em especial as ocupações voltadas para a produção, vigilância privada, atendente de serviços, balconista, motorista e serviços domésticos, sendo poucos deles com carteira assinada. Isso revela um aprofundamento das relações sociais desiguais e da produção desigual dos espaços na cidade, contribuindo para o fenômeno de reprodução da pobreza e exclusão social, em que as áreas periféricas são privadas da infraestrutura e do emprego (Araújo, 2001, p. 26).

4 Conceitos de centro e centralidade

Segundo explica a professora Tourinho (2006, p. 277), os questionamentos que revelam os conceitos de centro e centralidade intraurbanos são recentes, tendo sido levantados a partir da década de 1970. As crescentes intervenções urbanas nas áreas centrais e a construção de novos espaços na cidade, que incorporaram aspectos de centralidade fora do Centro, fizeram com que pesquisadores de diversas áreas das humanidades se questionassem se centro e centralidade de fato são o mesmo elemento.

Tradicionalmente o centro foi pensado e entendido enquanto um espaço que exerce uma força polarizadora nos espaços ao redor. Essa polarização se dá pela oferta de serviços sociais, políticos, econômicos e culturais que se tornam necessários para a reprodução da vida cidadã. Tourinho (2006, p. 280) explica que o Centro, ou centro tradicional, ou o centro histórico, se revela enquanto acúmulo histórico e material da cidade. Ele se desenvolve junto à população da cidade, de forma orgânica, se caracterizando, segundo a professora, um espaço duro, de difícil apropriação e de grande complexidade.

O Centro da cidade se qualifica enquanto espaço funcional, em que se concentra a vida cidadã (Alves, 2018) e onde se concentram também aspectos simbólicos e formais, que

transparecem, ao mesmo tempo, uma “continuidade temporal e permanência de espaços coletivos” (Tourinho, 2006, p. 280). Sua difícil apropriação se dá pela sua diversidade. O Centro é o espaço onde os mais diversos atores da cidade interagem, das variadas classes sociais, não sendo especialmente direcionado a nenhuma delas. Por outro lado, a centralidade se caracterizou por muito tempo como elemento fundamental do centro. Contudo, a centralidade deixou de ser um atributo exclusivo do centro, podendo ser criada e simulada fora dele.

Conforme Tourinho (2006, p. 279), as novas áreas de centralidade foram criadas a partir dos anos 1970, sendo produto de grandes operações imobiliárias e revitalizações urbanas. Esses novos espaços são construídos em lugares estratégicos, de fácil acesso e com boa infraestrutura, carecendo da dureza e da complexidade do centro tradicional. Por conta disso, dependem de um pesado investimento em *marketing* para fomentar a percepção desse lugar como um lugar de centralidade, atuando muito mais no simulacro da cidade e do Centro. São, segundo Tourinho (2006, p. 285), espaços de centralidade sem centro, caracterizados pela presença de megaempreendimentos.

O fenômeno da criação dessas novas áreas de centralidade, fora do que tomamos como o centro tradicional¹⁶, tornou-se bastante comum nas regiões metropolitanas do Brasil, a partir dos anos 1970, principalmente nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo, revelando-se como um movimento do mercado imobiliário na busca por novos espaços rentáveis nas cidades.

Esse movimento do mercado imobiliário foi analisado por Carlos (2009, p. 304), que o descreveu como um movimento de implosão e explosão¹⁷, que ocorre de modo dialético, em que os locais da cidade começam a perder a sua valorização e utilidade em vista da produção de novos espaços, mais modernos.

[...] a implosão-explosão (metáfora emprestada da física nuclear), ou seja, a enorme concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, instrumentos, de meios e de pensamentos) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, satélites etc.) (Lefebvre, 2002, p. 26).

Esses antigos espaços então implodem, havendo diminuição do fluxo de pessoas, de investimentos públicos, desvalorizando-se e caindo em decadência. Um exemplo muito evidente desse movimento é observado no centro histórico de São Paulo, que se consolidou

¹⁶ O centro tradicional, ou centro da cidade, se constitui como uma área em que se concentram os serviços comerciais e demais serviços de um município e de onde, geralmente, parte o movimento de urbanização. Os centros tradicionais costumavam ser o núcleo do município que se dispersou com o tempo, sem perder sua importância histórica e funcional.

¹⁷ Conceitos baseados na obra de Henri Lefebvre, *A revolução urbana*, de 2002, da editora UFMG.

como centro tradicional da vida cotidiana até meados dos anos 1970 - 1980, tendo se deteriorado ao longo dos anos, perdendo seu fluxo de pessoas para novas localidades como a Faria Lima e a Avenida Paulista. A explosão é o fenômeno contrário, quando despontam novas localidades atrativas para os investimentos do capital público e privado, atraindo novos fluxos de pessoas. Essas novas localidades, muitas vezes, assumem características de centralidade, o que significa que oferecem os mesmos serviços e produtos encontrados no centro tradicional, porém de forma mais seleta e para públicos direcionados.

Podemos identificar, então, ao menos duas maneiras de se produzir os espaços dessas novas centralidades: as centralidades periféricas voltadas para uma população de baixa renda, como nos subcentros dos bairros populares; e novas áreas de centralidade ocasionadas pela construção de grandes empreendimentos imobiliários, como a construção de centros comerciais, condomínios fechados e *shoppings centers* — assim podemos classificar a situação do bairro Alphaville.

5 O núcleo Barueri: centro tradicional e as centralidades periféricas

Conforme as reflexões desenvolvidas por Alves (2018) e com o discutido no capítulo anterior, a centralidade aparece como um dos atributos do centro, que é entendido, não só dentro da academia, mas de certa forma no cotidiano, como o local onde se concentram as atividades econômicas, sociais e políticas, estabelecendo-se como o lugar de realização da vida cidadã e da vida urbana.

Até o final dos anos 90, o centro tradicional foi considerado como um local com a potencialidade do encontro e do consumo, local privilegiado para a concentração da população para a reivindicação dos direitos políticos e sociais. Era um lugar para a realização da participação política, por conta da facilidade do acesso e da referência que era para a população. Atualmente, com o surgimento dessas novas centralidades, os centros históricos passaram a ser considerados degradados.

O centro tradicional de Barueri se consolidou com a oficialização enquanto povoado em 1872 e, também, quando foi instalada a linha férrea da Estrada de Ferro Sorocabana. A existência da nova estação de trem e dos novos fluxos de trabalhadores consolidaram a região do Largo São João Batista, que já era conhecida pelo acolhimento dos viajantes tropeiros, um espaço de centralidade espontânea e orgânica, com comércios e pousadas (Farbo, 1994, p. 25).

Mais tarde, em 1925, os filhos da família Mendes herdaram um grande pedaço de terra em frente ao Largo São João Batista, região que se desenvolveu ao lado da estação ferroviária.

Parte da propriedade foi aterrada e fracionada como diversos loteamentos residenciais, vindo a se tornar o que identificamos como centro tradicional da cidade (Farbo, 1994, p. 33).

Cavalcante, sob a orientação de Pasquale Petrone, elaborou uma pesquisa em 1978 sobre o centro tradicional do município de Barueri, ou o que identifica como núcleo, ou distrito-sede. A análise da autora elencou certos elementos para ajudar na compreensão do arranjo espacial do quadro na época, como população e funções urbanas, bem como a identificação das fases vividas pelo núcleo em questão.

Os dados analisados e expostos por Cavalcante (1978) são datados a partir dos anos 1950, época em que Barueri não figurava enquanto um dos municípios mais populosos da região, algo que ocorreu somente com a valorização imobiliária. Com a apuração dos dados censitários expostos pela autora, é revelado como Barueri possui intrínseca relação com a expansão metropolitana, caracterizando-se enquanto uma cidade dormitório, ou seja, uma cidade cujo desenvolvimento não se deu a ponto de existir independência da metrópole:

A separação entre local de residência e local de trabalho, indica a fraca expressão de suas funções econômicas. Incapaz de absorver sua mão de obra, Barueri funciona assim como dormitório, para uma população que em grande parte trabalha na metrópole (Cavalcante, 1978, p. 26).

Grande parte dos serviços ofertados na época do estudo só foram implementados a partir do momento de reconhecimento de Barueri enquanto município, sendo esses serviços educacionais, de saúde, bancários, jurídicos e administrativos, mas contando com equipamento simples e um curto raio de ação. Até aquele momento, entre os anos 1950 e fim dos anos 1978, o núcleo possuía parca variedade em atividades econômicas, que não eram suficientes para absorver a mão de obra do município, o que fomentava seu *status* de cidade dormitório, sendo essa atividade voltada principalmente à venda de alimentos para suprir as necessidades cotidianas.

A pesquisa mostrou que grande parte da população, quando necessitava de vestuário ou eletrodomésticos, dirigia-se principalmente à Lapa e ao centro do município de Osasco, principalmente a parcela da população que dispunha de condições socioeconômicas mais modestas. Inclusive, na área da saúde, observou-se que Barueri não dispunha de hospitais, o que fomentou a afirmação de que no município predominou a função de dormitório/residência, sendo que, comparado a outros municípios na época do desenvolvimento da dissertação, Barueri apresentou certo destaque na periferia da grande São Paulo nesse quesito.

Alguns dos bairros como Jardim Belval, Jardim Silveira e Antônio João, em que foram construídas estações ferroviárias posteriormente¹⁸, tiveram o desenvolvimento de subcentralidades em seu entorno, com alguns comércios e serviços que ajudam o suprimento das necessidades cotidianas dos habitantes.

O núcleo em pauta, bem como os atuais distritos de Aldeia, Jardim Belval e Jardim Silveira, passaram a desempenhar papel de centro de atração de grande número de moradores, por um lado, interessados no mercado de trabalho da metrópole, e por outro lado, empenhados na aquisição de lotes populares, para construção da casa própria (Cavalcante, 1978, p. 78).

De acordo com Alves (2018), ter acesso às centralidades também é parte do direito à cidade, assim, essa concentração de serviços pode, de certa forma, servir como alternativa para quem não possuía acesso às áreas de centralidade tradicionais ou possuía um acesso insatisfatório.

As centralidades periféricas se constituíram com a construção de novos e grandes empreendimentos, como os condomínios fechados, ou com auxílio da chegada do metrô, ou trem, nos bairros populares. As estações metroviárias e ferroviárias proporcionaram um aumento do fluxo de pessoas que passavam por essas áreas. Dessa maneira, a nova demanda abre a oportunidade para a instalação de novos pequenos e médios comércios.

Mesmo as centralidades periféricas não estão resguardadas das contradições da produção capitalista do espaço, pois, ao mesmo tempo em que possibilita a apropriação de um espaço de centralidade, o mercado imobiliário vê também uma oportunidade de valorização — com aumento dos preços de venda, de aluguéis de terrenos e casas dessas regiões; chegada de empreendimentos voltados para classes com maior poder aquisitivo e de sua inserção na lógica do mercado¹⁹; bem como o controle dos fluxos das pessoas de menor renda na cidade, que acabam se concentrando nos subcentros populares dos bairros.

Quanto a uma observação mais atual do município, o estudo feito por Roggero (2015, p. 95-96), sobre a qualidade de vida na região metropolitana de São Paulo, aponta que o projeto de construção de Alphaville Barueri não se preocupou com a integração e estruturação dos espaços públicos e o restante do município. Sua análise aponta para uma concentração de empreendimentos industriais, empresariais e residenciais na zona leste de Barueri, próxima à Castelo Branco. De acordo com a autora, existe uma falta de continuidade urbana na região que

¹⁸ As estações do Jardim Belval e do Jardim Silveira foram inauguradas em 1951, enquanto a estação Antônio João teve sua inauguração em 1941.

¹⁹ Algo que também foi apontado por Volochko (2015, p. 106), uma tendência à expansão dos investimentos em direção ao tecido urbano das periferias, aonde parte dessa população é reintegrada ao novo cotidiano urbano “através do consumo, do endividamento, da financeirização e da institucionalização”.

foi construída sem avaliação do impacto na malha viária, ocasionando grandes fluxos de trânsito no bairro e em seus arredores.

Ainda em Coelho (2015, p. 41), é verificado que o projeto de criação dessas novas localizações demandava que elas estivessem conectadas apenas pelos principais eixos rodoviários, não estando abertas à conexão com o restante da cidade, caracterizando-se, assim, um padrão de urbanização fragmentada que aprofunda a segregação espacial, além de isolar grupos de maior poder aquisitivo.

6 Considerações finais

A produção do espaço urbano, nas mais variadas escalas e nos diferentes lugares do mundo, responde ao sistema econômico e político vigente, o que significa que as políticas públicas voltadas para as intervenções urbanas, a construção de infraestrutura nos bairros e as habitações possuem relação com a reprodução do capital, a geração de lucros e a sobreposição do valor de troca nessas relações.

O objetivo do artigo não é malquistar as relações permeadas pelo capital, mas chamar a atenção para as desigualdades e contradições intrínsecas nessas relações. A professora Carlos, trazida de forma sucinta dentro do artigo, já havia citado que a produção do espaço é tanto uma condição quanto um meio e um produto das ações humanas (Carlos, 2009), logo, está essencialmente ligada a como reproduzimos a vida, seja política, social, cultural ou economicamente. Todas as dimensões da vida se materializam no espaço e, por isso, essa é uma categoria indispensável de análise da realidade.

A realidade do município de Barueri, como a de centenas de municípios, é múltipla e fragmentada, composta por diferentes classes sociais e muitas formas de produzir o espaço onde habitam. São essas materializações que nos entregam, também, uma realidade polarizada, marcada pela rica presença de infraestrutura urbana, de acesso aos serviços e produtos de qualidade, e pela ocupação irregular do espaço urbano, muitas vezes sem regularização fundiária e em espaços insalubres.

Existe a consciência de que o conteúdo trabalhado neste artigo ainda não é o suficiente para a entrega de uma conclusão satisfatória, contudo, com as sumárias apresentações das pesquisas investigadas, pôde-se promover algumas reflexões que podem ser aprofundadas em análises posteriores.

Barueri apresentou-se, de acordo com os dados apresentados, sob o *status* de cidade dormitório, dependente da metrópole e dos municípios vizinhos, tanto no quesito de trabalho

como da prestação de serviços e saúde. Alphaville, por sua vez, foi construído para suprimir esse *status* e desenvolver a função industrial e comercial da cidade, com absorção da mão de obra trabalhadora, resultando em uma maior independência da metrópole, além dos outros benefícios absorvidos com a presença desses empreendimentos no território. Entretanto, sua construção aprofundou o desenvolvimento desigual do espaço, com a avultação da divisão espacial e social do trabalho, que legou ao Alphaville os cargos de poder, de decisão e as funções intelectuais, com as instituições de ensino superior. Ao contrário, como fora mencionado no estudo de Pescatori (2017), à periferia sobraram os cargos “serviçais”, dos serviços domésticos, de segurança, atendimento e limpeza, que mantém o Alphaville em seu bom funcionamento

Sabe-se que os estudos trazidos, em boa parte, não retrataram a realidade do município nos últimos anos. Cabe então verificar se, com o atual desenvolvimento econômico de Barueri, tais dinâmicas urbanas predominaram, se as intensas divisões sociais e espaciais do trabalho, em escala intra e interurbana, foram superadas ou suavizadas, e se cabe ao município, ainda, o *status* de cidade dormitório, dado também o contexto posterior de reestruturação produtiva da Grande São Paulo.

Referências

AB'SABER, A. N. **Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo**. São Paulo: USP-FFCL, 1957.

ALVES, G. A. Centralidade periféricas: da segregação socioespacial ao direito à cidade. *In*: CARLOS, A. F. A.; SANTOS, C. S.; ALVAREZ, I. P. (Orgs.). **Geografia urbana crítica: teoria e método**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 109-124.

ARAÚJO, M. D. F. I. Reestruturação produtiva e transformações econômicas: região metropolitana de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 1, jan. 2001. DOI: doi.org/10.1590/S0102-88392001000100004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/BZYPLWxdRnmMkxhk6yxRndb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2024.

CARLOS, A. F. A. A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea. **Cidade e exclusão - Estud. av.**, v. 23, n. 66, p. 303-314, 2009. DOI: doi.org/10.1590/S0103-40142009000200021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/XwS46QJPfBHP8nF3HRz9tyh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2024.

CAVALCANTE, T. C. **Barueri e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulistana**. 1978. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978. DOI: doi.org/10.11606/D.8.1979.tde-20092021-192358. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-20092021-192358/publico/1978_TerciaCorreiaCavalcante.pdf. Acesso em: 22 maio 2024.

COELHO, L. L. **Dispersão, fragmentação e paisagem:** relações entre dinâmicas naturais e urbanas no vetor oeste da Região Metropolitana de São Paulo. 2015. 373f. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) — Faculdade de arquitetura e urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: doi.org/10.11606/T.16.2016.tde-07032016-201620. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-07032016-201620/publico/leonardocoelho.pdf>. Acesso em: 22 maio 2024.

CONDEPHAAT. **Serra do Itaquí.** Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/serra-do-itaqui/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

FANTINATO, M. **Métodos de pesquisa.** São Paulo: USP, 2015.

FARBO, B. A. **Estória da História de Barueri.** Barueri: Artes Gráficas Sepúlveda, 1994.

GUERRA, M. F. **Vende-se qualidade de vida:** Alphaville Barueri: implantação e consolidação de uma cidade privada. 2013. 262f. Dissertação (Mestrado – Área de Concentração: Planejamento Urbano e Regional) — Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo 2013. DOI: doi.org/10.11606/D.16.2013.tde-11072013-122504. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-11072013-122504/publico/ME_FALCONE.pdf. Acesso em: 22 maio 2024.

LANGENBUCH, J. R. **A Estruturação da Grande São Paulo** - Estudo de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: IBGE, 1971.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LEOPOLDO, E. **Financeirização imobiliária e metropolização regional:** o Alphaville na implosão-explosão da metrópole. 2017. 500f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: [10.11606/T.8.2019.tde-22022019-172326](https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-22022019-172326). Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22022019-172326/publico/2018_EudesAndreLeopoldoDeSouza_VCorr.pdf. Acesso em: 21 fev. 2013.

PESCATORI, C. Alphaville e o Planejamento da Descentralização de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 17., São Paulo, 2017. **Anais [...].** São Paulo: ANPUR, 2017. Disponível em: https://xviienanpur.anpur.org.br/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sesseoes_Tematicas/ST%207/ST%207.2/ST%207.2-01.pdf. Acesso em: 21 fev. 2013.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO - PMSP. **Plano Urbanístico Básico de São Paulo** – PUB. São Paulo: PMSP, 1969 (versão para divulgação).

RAIA, I. Ponte Akira Hashimoto é inaugurada. **Folha de Alphaville**, 4 out. 2013. Cidades. Disponível em: https://isabelraia.files.wordpress.com/2014/06/alp_b_02_0410.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

ROGGERO, M. A. **Qualidade de vida urbana nas bordas da metrópole**: centralidades e periferias. 2015. 219f. Tese (Doutorado em Geografia Física) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DOI:10.11606/T.8.2015.tde-16092015-145700. Disponível em:

[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-16092015-](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-16092015-145700/publico/2015_MariliaAraujoRoggero_VCorr.pdf)

[145700/publico/2015_MariliaAraujoRoggero_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-16092015-145700/publico/2015_MariliaAraujoRoggero_VCorr.pdf). Acesso em: 22 maio 2024.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SILVA, E. **História de Barueri**: Capítulos de História Municipal. São Paulo: ECP Cidade, 1997.

TOURINHO, A. de O. Centro e centralidade: uma questão recente. *In*: CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U. de. (Orgs.). **Geografia das metrópoles**. São Paulo: Contexto, 2006.

VOLOCHKO, D. Nova produção das periferias urbanas e reprodução do cotidiano. *In*: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Crise Urbana**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 105-128.